O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 45 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8330023

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ARTE, PROFISSÃO E TECNOLOGIA: AS GREVES EM HOLLYWOOD EM 2023

Jefferson Dantas[1]

Resumo

O texto apresenta resultados de pesquisa sobre as greves ocorridas em *Hollywood* em 2023, focando nas condições de trabalho e na alta tecnologia (plataformas de *streaming* e inteligência artificial) nos estúdios de cinema na Califórnia. Tema da maior importância para entendermos a relação, por vezes tensa, entre arte, profissão e tecnologia. A metodologia repousa sobre a análise não só de documentos e dos *websites* das agremiações grevistas, mas também da cobertura jornalística deste fenômeno. A interpretação combina autores de diferentes áreas do conhecimento que investigam a intersecção entre produção cultural e tecnologia. Provisoriamente, a análise aponta para a precarização laboral, exemplificada pelos defasados salários, condições de trabalho degradantes, incerta remuneração financeira advinda dos serviços de *streaming,* prazos curtos para o desenvolvimento das tarefas e estrutura de trabalho deficitária. Percebe-se também o aprofundamento do uso da inteligência artificial e certa insegurança profissional representada pelo desenvolvimento de textos maquínicos e das réplicas digitais ameaçando ambas as categorias. Aduz ainda a importância da luta coletiva como possibilidade de reverter o uso desmedido dessa tecnologia, chamando a atenção para redefinições trazidas por ela no mundo do trabalho em geral.

Palavras-chave: Arte; Greve; Profissão; Tecnologia.

Abstract

This research discusses the strikes taking place in Hollywood in 2023, focusing on working conditions and high technology (streaming platforms and artificial intelligence) in film studios in California. A relevant topic for understanding the relationship between art, profession and technology. The methodology is based on the analysis of documents and websites of the strike groups and on media coverage of this phenomenon. The interpretation is made by authors from different areas of knowledge who evaluated the tense connection between cultural production and technology. We have provisionally concluded: job insecurity, exemplified by low wages, vexatious working conditions, uncertain financial remuneration from streaming services, short deadlines for the development of tasks and a deficient work structure. The deepening of artificial intelligence and a certain professional insecurity represented by the development of machinic texts and digital replicas threatening both categories. It also adds the importance of collective struggle as a possibility of reversing the excessive use of this technology, drawing society's attention to the way in which new technologies have redefined the world of labor.

Keywords: Art; Profession; Strike; Technology.

INTRODUÇÃO

Objetivamos a compreensão da relação entre arte, profissão e tecnologia a partir das greves que estão ocorrendo em *Hollywood*, evidenciando algumas redefinições impulsionadas pelo uso das plataformas de *streaming* e da inteligência artificial como condição geral de produção.

A greve iniciou com a paralisação dos roteiristas ligados à *Writers Guild of America* - WGA, no dia 2 de maio de 2023. Em 14 de julho, a *Screen Actors Guild - American Federation of Television and Radio Artists* - SAG-AFTRA também anunciou que pararia. Estas entidades disputam com a associação patronal *Alliance of Motion Picture and Television Producers* - AMPTP em torno de questões trabalhistas e do uso abundante da inteligência artificial nos estúdios de cinema.

[1] Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realiza estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: jefferson.dantass@gmail.com

Valemo-nos de duas modalidades de fontes informativas, as diretamente colhidas com os sindicatos e as jornalísticas. A primeira é composta pelos *websites* das agremiações grevistas e documentos sindicais lançados com a exposição de motivos e o conteúdo reivindicativo, sendo dois do WGA e um do SAG-AFTRA. O segundo tipo de fonte vem de matérias jornalísticas relevantes, a exemplo do *The Atlantic, Vanity Fair, Reuters, The Hollywood Reporter, The New York Times,* que estão narrando as greves, ora destacando a posição dos grevistas, ora a dos estúdios. Mesclamos, portanto, dados primários e secundários para a composição deste estudo.

Dada a abundância de informações presente no ambiente virtual, construímos um *corpus* de pesquisa para afunilar o debate, buscando condições de pesquisa mais alvissareiras. Focamos em três documentos sindicais sintetizadores das reivindicações dos artistas: as cartas instauradoras das greves e um boletim on-line do WGA. Os dados relativos aos jornais foram observados e atomizados a partir de *tags* como: *Artificial Intelligence, Hollywood strikes, Labor* e *Technology,* tal como preconizado por autores ligados à etnografia em ambiente digital.

A interpretação dos dados está caucionada em autores críticos de diferentes áreas do conhecimento que contextualizam e caracterizam a produção da cultura e seu entrelaçamento com a tecnologia, combinando fatores micro e macrossociológicos, capazes de evidenciar desafios e perspectivas para os trabalhadores no norte e sul globais.

O texto está dividido em três partes. A primeira situa historicamente as paralisações, mostrando a conquista de direitos, surgimento de novas adversidades e as dificuldades da sindicalização. A segunda enfatiza os pontos instauradores da greve, tais como a reivindicação por melhoria salarial, condições de trabalho decentes, nova fórmula de cálculo dos residuais advindos dos serviços de *streaming*, o uso e a necessidade de regulação da inteligência artificial. A terceira avizinha a luta dos artistas a outros setores do mundo do trabalho, tornando patentes diferentes formas de resistência à tecnologia no âmbito laboral, denunciando o caráter global da dominação e exploração capitalistas.

BREVE HISTÓRICO GREVISTA EM *HOLLYWOOD*

Michael Denning (2007) diz que a cultura foi basilar para o ativismo de esquerda estadunidense durante a década de 1930, tensionando à esquerda a agenda reformista do *New Deal* proposto pelo presidente Roosevelt. O autor mostra como a classe trabalhadora deixou sua marca nas instituições dominantes pela primeira vez, com a forte sindicalização promovida pelo *Congress of Industrial Organizations*- CIO.

Além disso, a rápida expansão de vários meios de comunicação em massa e o desenvolvimento das instituições culturais do *New Deal* geraram uma classe de trabalhadores moderna e uma nova cultura marcada pela presença das mulheres, dos negros e de outros grupos étnicos, até então, escanteados da cultura oficial daquele país.

Porém, o avanço dos trabalhadores foi travado pelo acordo do Partido Democrata com os sindicatos em 1936, visando controlar as greves e reivindicações. No fim dos anos 1930, os líderes sindicais, até então fiéis à Frente Popular, inclinaram-se à política de colaboração com as empresas e ao controle burocrático "de cima", submetendo-se à aliança com os democratas a qualquer custo (KARNAL *et al*., 2007).

A emergência da Segunda Guerra Mundial e o medo do comunismo limitaram a promessa de uma social-democracia de estilo europeu e o sotaque trabalhista na cultura norte-americana. Esse pequeno contexto contribui para entendermos a criação dos sindicatos hollywoodianos, ambos são do início dos anos 1930, criados na ebulição da década vermelha estadunidense. Passemos agora às guildas dos roteiristas e dos atores.

Writers Guild of America - WGA

A luta dos roteiristas tem uma tradição centenária, a formação destes grupos e reivindicações remontam à década de 1910, ganhando contornos mais bem definidos em 1930 com sindicatos e guildas representando, hoje, uma miríade de atividades artesanais, artísticas e industriais. Curtin e Sanson (2016) demonstram que:

> Hollywood has a tradition of labor activism that stretches back to the 1930s, with unions and guilds today representing a wide spectrum of artistic, craft, and industrial employees. Although the history of labor representation has been fraught with tensions and controversies, screen workers have at times been capable of mounting campaigns to resist managerial pressures and agitate for better conditions (CURTIN; SANSON, 2016, p. 3).

As melhores condições de trabalho e sobrevivência significavam: proteção à profissão, incrementos salariais, acessos à pensão, ao crédito, aos planos de saúde e o recebimento de *residuals*, isto é, pagamento pela reexibição das obras, recebidos desde 1960. Os dirigentes do WGA não se enxergam apenas como membros de sindicato, mas como defensores de um saber/fazer, de modo que administravam uma fricção entre os termos *artist, worker, creative, laborer* (BANKS; HESMONDHALGH, 2016, p. 273).

A entidade compreende filiais em todo o país, sendo o agente de negociação para escritores profissionais que criam roteiros de filmes, televisão, notícias, animação, mídia de *streaming* e videogames para empresas signatárias americanas. O WGA acumula seis paralisações: 1959 - 1960, 1973, 1981, 1985, 1988 e 2007 - 2008. Três dessas paralisações duraram meses (BANKS; HESMONDHALGH, 2016).

Como fizeram em todas as greves anteriores, em 2007 - 2008 esses escritores cruzaram os braços e exigiram seus direitos. Segundo Banks e Hesmondhalgh (2016),

> This time, though, because of the globalization of film and television distribution, as well as the rise of YouTube—where many striking writers went to speak directly to audiences—more people than ever before were aware of a strike among working writers. Not just in the United States, but globally. And not just audiences, but other writers as well (BANKS; HESMONDHALGH, 2016, p. 272).

Os autores salientam que a greve de 2007 - 2008 é icônica, pois as tecnologias de comunicação usadas à época permitiram que o mundo inteiro soubesse da paralisação, antecipando parte significativa do padrão de demandas visto hoje.

Screen Actors Guild – American Federation of Television and Radio Artists - SAG-AFTRA

Assim como os roteiristas, os atores de tela estão organizados desde o início da década de 1930, buscando melhores condições de vida e trabalho na luta contra a precarização da profissão. O SGA lutou para eliminar a exploração dos atores, atrizes e figurantes submetidos a contratos opressivos com os principais estúdios de cinema, longas jornadas de trabalho sem períodos mínimos de descanso, rescisão contratual sem prejuízo e separação entre vida particular e pública.

O *Star-System* era um tipo de contrato em que o ator/atriz tinha sua carreira organizada pelos estúdios que definiam quais filmes e propagandas participariam, com a premissa de que o controle da imagem pessoal garantiria mais dinheiro. Em 1948, esse *modus operandi* foi proibido pela justiça dos Estados Unidos.

Outra questão importante para a categoria é a dos residuais, grande tema no embate com a *Alliance of Motion Picture and Television Producers* - AMPTP. Na indústria de cinema, os valores residuais são compensações financeiras pagas aos atores, roteiristas, diretores de cinema ou televisão e outros envolvidos na produção audiovisual em casos de reprises, renovações contratuais, redistribuição, mudança de canal, lançamento de *dvds* ou plataformas de *streaming*.

O pagamento dos residuais para os profissionais associados ao SAG começou em 1960. O então ator Ronald Reagan, futuro presidente do país, encabeçava o sindicato à época. Definiu-se três pontos fundamentais, conforme texto de Wayne Federman (2011) no site da revista *The Atlantic*

> Actor residuals for all studio films made starting in 1960; No residuals for any studio films produced before 1948. In lieu of residuals for films made between 1948 and 1959; the producers agreed to a one-time payout of $2.25 million, a contribution SAG would use as seed money for a new union health insurance plan and a pension plan.

A questão dos residuais é reprisada pela atual greve, na qual os artistas estão cobrando mais transparência na contabilização das compensações nas plataformas de *streaming*, eles estão exigindo uma repactuação dos valores acordados. Os artistas argumentam que o lucro de plataformas como Netflix é enorme e precisa ser mais bem partilhado entre a classe.

Banks e Hesmondhalgh (2016) consideram que os maiores desafios da luta dos trabalhadores na indústria cinematográfica são: a coexistência de diferentes sindicatos, os embargos à sindicalização e diferenças existentes entre os trabalhadores. Os autores realçam que é importante a construção de uma conscientização da luta em conjunto.

No tocante ao primeiro ponto, além das agremiações WGA e SAG-AFTRA já citadas, existem: *Directors Guild of America*- DGA, que representa os diretores de cinema e *International Alliance of Theatrical Stage Employees* -IATSE, que defende os trabalhadores de áreas técnicas: carpinteiros, eletricistas, bombeiros, maquiadores, dentre outros. As paralisações de diretores de cinema são raras e duram pouco tempo. Os técnicos são os mais ilhados nesse processo, com o menor poder de barganha frente aos estúdios. Os atores possuem maior identificação com os roteiristas, como evidenciado, já pararam duas vezes conjuntamente.

Em relação às dificuldades de sindicalização no WGA, o acesso à organização é limitado aos trabalhadores que venderam pelo menos um roteiro. Depois da venda, é obrigatório se associar ou ficará proibido de negociar com agentes signatários do WGA, podendo trabalhar apenas fora do sistema. Artistas novos e estrangeiros, por vezes, consideram o sindicato elitista e distanciado do dia a dia do trabalhador, uma vez que é bastante difícil vender um roteiro (BANKS; HESMONDHALGH, 2016). A esta barreira, soma-se um cenário dominado pelo empreendedorismo que tem afastado os trabalhadores das estruturas sindicais e ações coletivas (GAULEJAC, 2005).

Quanto às diferenças, a divisão do trabalho na indústria do cinema é marcada por desigualdades operadas pelo conceito “acima e abaixo da linha do talento”, usado para diferenciar os artistas dos técnicos, hierarquizando-os. Fato que trava uma identificação permanente entre as classes que lá trabalham, dificultando o papel dos sindicatos. De mais a mais, as questões relativas às noções de classe,

gênero, raça, nacionalidade, sexualidade etc. (BIELDY, 2009) que seccionam a classe trabalhadora de modo geral. Enfim, fatores que complexificam a ação dos sindicatos, que atuam na tensão entre a solidariedade e a exclusão.

PRESENTE: WGA E SAG-AFTRA JUNTOS MAIS UMA VEZ!

As greves dos roteiristas e dos atores são didáticas para entendermos nuances do trabalho artístico. Elas evidenciam dois aspectos, não raro, escondidos: a produção de arte enquanto mercadoria e o artista como trabalhador (MENGER, 2005, 2014). O WGA representa atualmente cerca de 11.500 escritores em *New York, Los Angeles* e outras regiões do país. O SAG-AFTRA defende mais de 160.000 trabalhadores (atores, jornalistas, músicos, *influencers*, modelos etc). A presidenta da SAG-AFTRA, Fran Drescher, pretende demolir o mito de que todos são milionários em *Hollywood* e denunciar os ataques à profissão.

Catherine Fisk (2017) menciona que os artistas experimentam a flexibilização do trabalho há muitos anos, padrão que vem se estabelecendo de modo contundente e generalizado para muitos trabalhadores hoje. Não à toa, as legislações trabalhistas feitas, atualmente, em muitos países e no Brasil, não fogem a essa toada, lembrando os contratos firmados entre os sindicatos e grandes estúdios californianos ao longo das primeiras décadas do século XX.

Neste momento, os trabalhadores em *Hollywood*, especialmente, os roteiristas, estão incomodados com a *mini room* (mini sala), experiência precária com equipe enxuta, prazos curtíssimos e sem garantias. É uma versão barata da w*riter's room* (sala de roteirista) melhor estruturada (MASS; OTTERSON; SCHNEIDER, 2023). Ou ainda, estes trabalhadores terem que criar produtos auxiliares para novas empresas, *startups*, gerando um turno extra, não remunerado (CURTIN; SANSON, 2016; MCMAHON, 2022).

Tudo isso em nome da guerra concorrencial (GAULEJAC, 2005) entre os diversos estúdios e equipes, que se retroalimentam em disputa esquizofrênica na Califórnia. Agora, a interrupção dos trabalhos encabeçada pelos dois sindicatos inverteu o vetor da guerra, os criativos querem mais, os patrões cederão?

As exigências envolvem questões basilares de salários, remuneração advinda das plataformas de *streaming* e a disputa pela regulamentação da inteligência artificial (WGA, 2023a; SAG–AFTRA, 2023). Uma greve que levanta questões éticas, afinal, aquele futuro tão imaginado pelos filmes de ficção científica é coisa do presente, com o contínuo aperfeiçoamento desta tecnologia (JIN, 2021).

A inteligência artificial, segundo Russel (2009), é uma área do conhecimento que aglutina algumas ciências: Matemática, Estatística, Informática, Neurociência, Filosofia e Linguística. Criando dispositivos que aprimoram como o computador trabalha as informações audiovisuais, sendo capazes de desenvolver tarefas sofisticadas como fazer textos poéticos ou réplicas humanas digitais. Por essa razão, surgiu a preocupação de roteiristas e atores com o futuro de suas profissões e está aberta a contenda com os estúdios.

Sindicatos artísticos, tecnologia e preservação da profissão

Utilizar a internet como ferramenta de pesquisa requer algumas precauções, sobretudo em tempos de desinformação. Ainda mais quando se trata de uma greve que opõe trabalhadores e impérios midiáticos. Privilegiamos dados primários ao analisarmos as cartas que instauraram as greves, visto que trazem a base mínima de negociação, possibilitando o entendimento dos pontos fulcrais do fenômeno. E secundários quando examinamos as informações dos veículos jornalísticos, cuja delimitação temática foi operada pelos seguintes marcadores: *Artificial Intelligence, Hollywood strikes, Labor* e *Technology.* Procedemos de acordo com o preconizado por estudiosos da etnografia digital, circunscrevendo o tema e as fontes, objetivando a contenção da quantidade de dados e balanceando a relação quantitativa e qualitativa no ambiente *on-line* (HINE, 2015; KOZINETS, 2014).

O desdobramento das negociações, entre maio e final de agosto de 2023, tem sido acompanhado não só pelas páginas dos sindicatos na internet como também da mídia, sempre cotejando as informações, uma vez que os sindicatos acusam setores midiáticos de defender o interesse dos estúdios e do mercado financeiro, investidor da indústria cinematográfica. É desta maneira que prezamos pela confiabilidade e validade dos dados.

Nesta seção, avaliamos documentos sindicais que sintetizam os anseios de ambas as categorias: *WGA Negotiations - Status as of May 1, 2023*, *WGA - The State of the Industry. Despite Wall Street Noise, Entertainment Remains a Profitable Business* e *SAG - AFTRA Negotiations Status as of July 13, 2023,* além da cobertura jornalística nos últimos meses.

O WGA quer preservar a sala de roteiristas, revisar os residuais oriundos das plataformas de *streaming* e regulamentar o uso da inteligência artificial, com isso imagina conservar a profissão em padrões decentes de trabalho. Quanto às salas de roteiristas, os grevistas reivindicam pagamentos e condições (quantidade de semanas e membros das equipes) antes e após a aprovação das produções. Vejamos:

> **Pre-greenlight rooms**: Minimum staff guaranteed at least 10 consecutive weeks of work **Post-greenlight rooms**: Writers on staff must get at least 3 weeks per episode (up to a max. of 52 weeks). Half of the minimum staff must be employed through production (WGA, 2023a, p.1).
>
> **Pre-greenlight rooms**: Minimum staff of 6 writers (including 4 Writer-Producers) **Post-greenlight rooms**: 1 writer per episode up to 6 episodes, then 1 additional writer required for each 2 episodes after 6 up to a max. of 12 writers Example: 8 episodes requires 7 writers incl. 4 Writer-Producers; 10 episodes requires 8 writers incl. 5 Writer-Producers (WGA, 2023a, p.1).

A expansão da mini sala representa uma mudança considerável na produção audiovisual californiana, que ameaça transformar uma profissão razoavelmente estável em um "trampo" mal pago. É preocupante, destaca o WGA, o fato da indústria se voltar para um modelo *freelancer,* menos seguro do que as antigas salas dos roteiristas (WGA, 2023b).

A respeito dos residuais, o sindicato quer rever os cálculos já pactuados e transparência das plataformas de *streaming,* uma vez que os lucros da indústria saltaram, conforme evidencia o boletim sindical *on line*, vejamos:

> The entertainment industry remains highly profitable. Given the tenor of recent business press coverage of the industry, this may seem hard to believe. Gloomy stories about business model uncertainty, company layoffs and the industry's impending downturn are both standard refrains during union contract negotiations and the predictable result of Wall Street's narrow focus on stock price and short-term profits. Such coverage distracts from a fundamental truth: the content created for this industry has tremendous value, and the companies have demonstrated time and time again that they can and will capture that value.[...] Over the decades, entertainment has been a highly profitable business, weathering periodic downturns but consistently rebounding [...] In 2000, the combined entertainment operating profits of Disney, Fox, Paramount, NBC, Universal, and Time Warner were approximately $5 billion. By 2019, adding in Netflix, they were $30 billion out of more than $50 billion in total company profits and remained almost as high through the pandemic. Even excluding news and sports networks, entertainment profits were estimated to be more than $20 billion in 2021 [...]Ongoing investment in streaming also lowered 2022 profits as the While Wall Street criticizes the media companies for failing quickly enough to generate short term profits from a still-nascent streaming market, the fundamental truth remains: the content writers create has tremendous value. The companies have demonstrated time and time again that they can and will capture that value, but writers and the WGA must work to ensure that success is shared (WGA, 2023b).

O sindicato dos roteiristas argumenta que os estúdios têm superado recessões econômicas com destreza e que ocasionais baixas lucrativas são, na realidade, relativas a períodos de investimento em novas tecnologias. Salienta ainda que mesmo na pandemia, a indústria cinematográfica estabilizou prejuízos e teve lucro em função do conteúdo nas plataformas *on line.*

O WGA mostra que as plataformas de *streaming* são fundamentais na reestruturação do setor e que existe cobrança exagerada vinda de *Wall Street* e setores da mídia para gerarem lucro a curto prazo. Tem-se, na realidade, uma ideologização para escamotear o real valor das plataformas digitais ainda em

desenvolvimento. É uma forma de esconder a realidade, para que as benesses não sejam estendidas aos trabalhadores (HANDEL, 2011; MCMAHON, 2022).

Face à riqueza hollywoodiana, o sindicato propõe mais transparência relativa ao número de usuários do serviço e à audiência de cada produto das plataformas de *streaming*. Neste sentido, enseja a criação de dois novos residuais: um atinente à quantidade de assinaturas do serviço em todo o planeta e outro baseado na visualização, fixando níveis de audiência. As programações que fizerem mais sucesso, pagarão mais (WGA, 2023b). As propostas renderiam $429 milhões de dólares anuais aos escritores.

Os estúdios, por outro lado, propuseram $86 milhões de dólares anuais (WGA, 2023a, p.2), atrasam o quanto podem as negociações e, inclusive, pagamentos já decididos pela justiça. *Paramount+* e *HBO Max* continuam pagando taxas abaixo do pactuado. A *Walt Disney Studios* tirou uma série de produtos de suas plataformas visando economizar no pagamento de residuais (BARNES, 2023; BATEY, 2023).

Relativo à regulamentação da inteligência artificial, o roteirista John August argumenta ser urgente para a manutenção de empregos e da profissão. Em entrevista ao *The Hollywood Reporter* disse:

> The challenge is we want to make sure that these technologies are tools used by writers and not tools used to replace writers. The worry is that down the road you can see some producer or executive trying to use one of these tools to do a job that a writer really needs to be doing."

John August considera que o uso esporádico da tecnologia para o aperfeiçoamento de um impasse técnico e otimizar tempo e custos, difere de tornar a inteligência artificial uma ferramenta de rotina. A Guilda de Escritores propôs "regulate use of artificial intelligence on MBA covered projects: AI can't write or rewrite literary material; can't be used as source material; and MBA-covered material can't be used to train AI" (WGA, 2023a, p. 2).

O sindicato de roteiristas quer pactuar com os estúdios que o escritor não pode receber um pagamento menor pela reescrita ou polimento de textos gerados pela inteligência artificial. Almeja evitar que os escritores virem apêndice (trabalhadores correlatos) ao fluxo principal de criação, cabendo a eles tão somente o aperfeiçoamento de textos, justamente o que fazia a inteligência artificial quando dava seus primeiros passos (RICHWINE; CHMIELEWSKI, 2023).

Os estúdios querem debater a questão da inteligência artificial ano a ano, já que pretendem maximizar seus lucros a partir dela como condição geral de produção (DYER-WITHEFORD, 2019, 2021). É a tentativa do capital de se separar do trabalho vivo. Karl Marx explica:

> a apropriação do trabalho vivo pelo capital também adquire na maquinaria uma realidade imediata: por um lado, é a análise originada diretamente da ciência e a aplicação de leis

> mecânicas e químicas que possibilitam à máquina executar o mesmo trabalho anteriormente executado pelo trabalhador. Contudo, o desenvolvimento da maquinaria por essa via só ocorre quando a grande indústria já atingiu um estágio mais elevado e o conjunto das ciências já se encontra cativo a serviço do capital; por outro lado, a própria maquinaria existente já proporciona elevados recursos. A invenção torna-se então um negócio e a aplicação da ciência à própria produção imediata, um critério que a determina e solicita. Porém, esta não é a via que deu origem à maquinaria no geral, e menos ainda a via pela qual ela avança no detalhe. Tal via é a análise – pela divisão do trabalho, que transforma as operações dos trabalhadores cada vez mais em operações mecânicas, de tal modo que a certa altura o mecanismo pode ocupar os seus lugares. [...] Por conseguinte, um modo de trabalho determinado aparece aqui diretamente transposto do trabalhador para o capital na forma da máquina, e por meio dessa transposição sua própria capacidade de trabalho é desvalorizada (MARX, 2011, p. 940).

O avanço da inteligência artificial (trabalho morto) sobre a inteligência humana (trabalho vivo) pode ser retardado pela resistência ao uso desmedido desta tecnologia, tal como demonstrada pela luta dos artistas contra a obsolescência de seus ofícios.

As reivindicações do SAG-AFTRA são numerosas, sobretudo, pelo fato de o sindicato representar uma ampla gama de profissionais. Assim, separamos o conteúdo reivindicativo, trataremos inicialmente da melhoria das condições de trabalho de diferentes grupos profissionais representados pelo sindicato, envolvendo temas como calendários de trabalho, aumento salarial e das diárias, combate aos assédios moral e sexual. Vejamos:

> Set reasonable timelines for the exercise of options that do not restrict series regulars from obtaining. Other employment during increasingly long hiatos periods, imposed by employers, between seasons. [...] Performers hired by the week in recurring roles without start dates should be given at least atentative window of work dates. [...] Request a discussion of problematic hiring practices that result in performers being held off the market, unable to take other work (SAG-AFTRA, 2023, p.10).
>
> 11% general wage increase in year one, 4% in year two, and 4% in year three. Without an inflation-adjusted year-one wage increase, members will be working for lower real wages in 2023 than they earned in 2020 and would likely still be working for lower real wages even in 2026 (SAG-AFTRA, 2023, p. 1).
>
> PER DIEM: Adjust for inflation the money that members receive to pay for meals and incidentals when traveling for work – not increased since 2001. Remedy the studios' systematic non- compliance with the contractual requirement that per diems be paid upfront and not weeks later (SAG-AFTRA, 2023, p. 4).
>
> Background actors are the only category under our agreements who work under different terms on the East Coast than they do on the West Coast. SAG-AFTRA is seeking for all background actors to be treated equally. In New York, background actors reporting before 6 a.m. should not be forced to wait in unsafe areas for public transportation. Background actors who have to spend their own time styling their hair and/or makeup should be compensated for one and a half hours of work time. Stand-ins who are required to rehearse or perform in place of a principal performer should be paid half of the principal performer rate in addition to their stand-in pay Background actors who work as the photographic double for a principal performer and are required to memorize and deliver scripted dialogue on camera, should be paid a principal day player rate without residuals (SAG-AFTRA, 2023, p. 6).
>
> SEXUAL HARASSMENT PREVENTION: SAG-AFTRA proposed and the parties have tentatively agreed that producers will use good faith efforts to engage intimacy coordinators for scenes involving nudity or simulated sex, and, upon request, for other scenes, that producers will

> provide information regarding discrimination and anti-harassment policies, including how to report violations, and that background actors will be given at least 48 hours notice of scenes involving nudity or simulated sex acts. The AMPTP has also tentatively agreed to review and revise their harassment prevention training programs with an eye toward handling scenes and situations of a triggering nature (SAG-AFTRA, 2023, p.11)

Quanto aos calendários de trabalho, o sindicato advoga que sejam estabelecidos prazos melhores para que os artistas possam se organizar de modo mais eficiente, no sentido de uma otimização de seu tempo e trabalho, podendo, inclusive, aceitar outras propostas de trabalho. Os estúdios concordaram com a melhoria dos cronogramas para alguns artistas e novas séries (SAG-AFTRA, 2023).

Pertinente ao acréscimo salarial, os artistas estão pedindo 19% de incremento, pois estão recebendo menos do que em 2020, devido à inflação. Esse aumento seria escalonado em três anos e corrigidos pela inflação, contudo, os estúdios propuseram até agora 12,5 % (SAG-AFRTA, 2023, p.1).

Em relação às condições de trabalho, o sindicato aponta a necessidade de garantir o básico como uma questão de respeito e justiça para um dos grupos mais precarizados, atores secundários (figurantes, substitutos e dublês). Nesse sentido, propôs a unificação da forma de contratação nas costas leste e oeste, porém não foram atendidos (SAG-AFTRA, 2023).

O sindicato pleiteia que os figurantes, que são os primeiros a chegar, possam esperar pelas atividades em locais confortáveis e seguros, bem como tenham direito a transporte, pois, às vezes, as atividades ocorrem em lugares distantes e a cidade de Los Angeles privilegia o uso de transporte individual. Como resultado, os estúdios prometeram que estes artistas terão apoio de uma equipe nas locações (SAG-AFTRA, 2023).

Relativo às diárias, os artistas estão propondo reajuste, pois desde 2001 elas não sofreram aumento, o que gera gasto com despesas elementares, como refeições e passagens. Apontam ainda que as diárias devem ser pagas antecipadamente e que a prática atual de ressarcimento significa o descumprimento dos contratos firmados. Os produtores dizem que o SAG-AFTRA não mencionou que a AMPTP ofereceu $75 dólares, valor superior aos $59 dólares oferecidos pela Administração Pública dos Estados Unidos para despesas diárias (ROBB, 2023).

Outro ponto é relativo aos cuidados com a aparência/beleza, os figurantes pagam atualmente pelos cuidados com o cabelo e maquiagem. Os estúdios ofereceram uma taxa fixa de $35 dólares a cada uma hora e meia de trabalho para cobrir estes custos (SAG-AFTRA, 2023).

Pretende-se que os substitutos que atuarem em programações que requeiram ensaio ou memorização de textos recebam seu pagamento pactuado e a metade do ator principal que porventura vier a substituir, porém a AMPTP aceita pagar $150 dólares a mais aos atores que substituírem atores

principais em programações no formato *multi-camera shows,* negando esse direito para as atividades do *single camera shows.*

O sindicato propõe que os dublês fotográficos que precisem memorizar textos e roteiros recebam como os atores principais, porém sem as gratificações residuais. O sindicato patronal propôs pagar $150 dólares para aqueles que dialogassem com a câmera. As dublagens sem diálogo com a câmera, bem como as dublagens que não carecem de todo o corpo, apenas metade (SAG-AFTRA, 2023).

Sobre o trabalho artístico infantil, as partes acordaram provisoriamente que os menores emancipados continuem a receber educação nos estúdios e que as pessoas envolvidas na supervisão do ensino de menores sejam sujeitas a uma verificação de antecedentes para evitar problemas que repercutem no desenvolvimento das crianças e adolescentes (SAG-AFTRA, 2023).

Há ainda algumas exigências de dançarinos e cantores. Os dançarinos conseguiram encampar suas propostas na carta de reivindicação. Eles almejam receber compensação adicional quando precisarem cantar ou dublar – *Lip Sync* – além de dançar ao longo dos ensaios e no dia da filmagem. Os estúdios contrariaram a proposta ofertando um adicional de 25% da taxa que se aplica aos cantores e apenas nos dias de gravação e negou aumento para a sincronização labial. Os dançarinos também querem receber o mesmo valor, tanto no ensaio quanto na gravação, sobretudo, porque os ensaios são mais extenuantes e perigosos que os dias de filmagem. Essa proposta foi provisoriamente acatada e haverá um estudo sobre a viabilidade. Os dançarinos propuseram ainda a redefinição contratual com valor fixado para dançarinos principais, para garantir que não sejam contratados por valores inferiores. Pedem ainda que seja abolido o desconto aplicado aos grupos com mais de 9 membros, eles entendem que enfraquecem as companhias de dança. Ambas as propostas foram rechaçadas (SAG-AFTRA, 2023).

Os cantores, por seu turno, pautaram suas reivindicações. Eles demandam receber a mais caso precisem dançar, já os estúdios ofereceram 25 % da taxa aplicável aos dançarinos, contudo apenas nos dias de gravação. Exigem mais transparência nos cálculos no momento da contratação, uma vez que intermediários terminam ficando com uma parte do cachê. Querem saber previamente como farão o trabalho, se com bandas ou separados com posterior sincronização. Os estúdios estudarão a questão. Os cantores ensejam ainda a realização de relatórios sobre a participação da força de trabalho na indústria, a proposta foi negada. Eles também abriram uma discussão sobre produções que os envolvem em idas ao exterior e para pessoas não sindicalizadas, não houve indicativo de mudança, permanecerão submetidos aos mesmos procedimentos (SAG-AFTRA, 2023).

Outro tema que merece relevo é o assédio sexual. Os grevistas propuseram a contratação de pessoas para coordenar as cenas que simulam sexo ou nudez. Os estúdios acataram e criarão um protocolo para essas cenas e os atores serão avisados pelo menos 48 horas antes das mesmas. Pactuou-se

ainda a oferta de cursos que promovam a conscientização sobre o sexismo e o machismo para que se proteja o ambiente de práticas abusivas. Haverá ainda a criação de uma comissão para recepcionar denúncias de assédio moral e sexual (SAG-AFTRA, 2023).

Enfim, este é um retrato das dificuldades vivenciadas por artistas que estão na indústria cinematográfica, mas que ainda não tem dinheiro e prestígio. Além dessas adversidades, existem os entraves relacionados às agências que organizam essa força de trabalho e colocam à disposição dos estúdios, por exemplo, a cobrança de taxas de *casting* e a venda de esperança. Tal fato, inclusive, é objeto de crítica e pauta de greve por parte dos artistas, mas a AMPTP alega que não pode se responsabilizar por ações de terceiros e que os artistas devem parar de alimentar esse mercado.

Trataremos agora da pauta do recebimento de residuais da programação das plataformas e serviços sob demanda e do uso da inteligência artificial demandadas pelo SAG-AFTRA. No tocante aos residuais, um dos pontos mais polêmicos, o sindicato diz ser importante por se referir à proteção da profissão e a modernização da indústria que está crescendo com os *streamings.*

> INVASION DUE TO ADVANCE PAYMENT OF RESIDUALS: Limit the amount of a performer's salary that can be reduced due to the advance payment of residuals. Instead of disguising advance payment of residuals as a part of the performer's initial compensation, require transparency with a separate residual check that goes to the union, the same as all other residuals (SAG-AFTRA, 2023, p.1).
>
> Improve residuals due for continued exhibition of pictures made for subscription-based streaming services (SAG-AFTRA, 2023, p.10).
>
> Apply union scale minimums, rest periods and protections for minors to new media Productions that are not high budget, regardless of length. Require residuals for ongoing exhibition on advertiser-supported and subscription-based streaming services regardless of the budget or length of the picture. Calculate residuals for pictures made initially for new media and then exhibited on network or foreign television on the same basis as pictures made initially for television. Increase the residual that applies when a traditional media picture is exhibited on a streaming platform that is free to the consumer (SAG-AFTRA, 2023, p.10).

O avanço foi tímido com lacunas significativas, segundo o sindicato dos atores. O documento inicial do SAG-AFTRA destaca que, por vezes, o pagamento adiantado de residuais se confunde com os salários dos artistas, sugerem na carta que haja uma melhor discriminação do que seja cada item.

A questão dos residuais para os atores também é da maior importância. Afinal, há muito conteúdo na internet, disponibilizado pelas plataformas, constando com a participação destes artistas, tanto de séries novas como das antigas que são reprisadas, coadunando com a perspectiva dos roteiristas que vislumbram ganhos residuais a partir da quantidade de assinaturas como também pela audiência.

A AMPTP está oferecendo ao SAG-AFTRA "represents more than $1 billion in wage, pension & health contribution and residual increases" (AMPTP, 2023a, p. 1). Outrossim, a AMPTP informa que

não está ignorando o sindicato dos atores, pois estão propondo aumentos substanciais nos resíduos para programas de alto orçamento. Aduz ainda que o SAG-AFTRA propõe que os artistas participem nas recompensas de um espetáculo de sucesso, sem que assumam nenhum risco. Segundo os produtores dos estúdios, os artistas intérpretes ou executantes teriam direito a receber não só o resíduo fixo existente – que é pago ao artista intérprete ou executante mesmo que ninguém esteja vendo o programa, mas também um novo resíduo que compartilha a receita que é de alguma forma atribuída à exibição (AMPTP, 2023a).

Os estúdios dizem ainda que o SAG-AFTRA quer "partilhar" o sucesso, mas não o fracasso. Conforme trecho destacado pelo *Deadline*, em seu site na internet, apontando a opinião do sindicato patronal sobre a postura do sindicato dos atores,

> That is not sharing. Further, the Union's proposal does not "follow the money." It seeks revenue generated by a streaming service, but that is not money that the Producer of a program is entitled to receive. The Producer of a program gets a license fee from the streaming service. That's it. The Producer does not share in the subscription revenue that the streaming service generates, so it is completely illogical to ask the Producer to pay based upon that revenue (ROBB, 2023).

A AMPTP informa que não participa da receita de assinatura gerada pelo serviço de streaming, portanto, considera ilógico o pedido dos atores de que os produtores arquem com essa demanda. Alega que há sofisma na argumentação do SAG-AFTRA ao dizer que todas as empresas estão interconectadas. Os grandes produtores informam ainda que recebem apenas taxas de licença para operar nos streamings não tendo controle sobre os números de exibição e assinantes destas plataformas (AMPTP, 2023a; ROBB, 2023).

O sindicato patronal contrarrazoa a abordagem do SAG-AFTRA no tocante às receitas dos *streamings,* informam que ela ignora a relação entre fornecedores de programas e expositores, baseando-se em métricas opacas de "contribuição de receitas" geradas por uma empresa de análise terceirizada. Essas métricas e números não estão disponíveis para quem não paga pela análise, ou seja, os estúdios estão alegando que as informações são manipuladas (AMPTP, 2023a; ROBB, 2023).

Referente às réplicas digitais, o SAG-AFRTA narra

> Artificial intelligence: establish a comprensihive set of provisions to protect human-created work and require informed consent and fair compensation When a "digital replicas" is made a performer, or When their voice, likeness, or performance will be substantially changed using AI (SAG-AFTRA, 2023, p. 9).

O sindicato patronal apontou falha na comunicação com os atores, gerando pânico e desentendimento, estando essa ideia em desenvolvimento (SAG-AFTRA, 2023, p. 9). No que tange aos

efeitos da inteligência artificial, os artistas agem consoante a outros setores da força de trabalho norte-americana e europeia, problematizando os seguintes pontos:

> 1. Perda de empregos: a maior desvantagem é o aumento do desemprego, pois as máquinas começam a substituir trabalhadores humanos em vários setores. O uso de programas como *Digital Replicas*, *Digital Twin, Jasper* e *Chatgpt* ilustram o receio de atores e roteiristas;
>
> 2. Desigualdades: os artistas acreditam que o uso dessa tecnologia pode exacerbar a desigualdade econômica existente, pois os benefícios da inteligência artificial são desproporcionalmente direcionados para aqueles que já são ricos e com acesso aos melhores recursos;
>
> 3. Riscos de segurança: pode criar riscos ao passo que agentes mal-intencionados começam a usá-la para fins maliciosos. A exemplo de perseguições, destruição de reputação, afetando a privacidade e o bem-estar. Enfim, situações que envolvam os sujeitos em certa vigilância;
>
> 4. Preocupações éticas: a inteligência artificial já impacta os direitos à privacidade, à imagem, à honra e à propriedade intelectual. A utilização das técnicas de *deepfake* e *deepcake* emulam situações fictícias a partir de dados reais capturados e refinados por um algoritmo de aprendizado de máquina. Os impactos podem ter variados alcances, seja financeiro, seja informativo.

A turnê holográfica da cantora Whitney Houston e o recente uso da imagem da intérprete Elis Regina, em comercial da Volkswagen, no Brasil, acenderam o debate sobre o uso da imagem de artistas mortos para satisfazer a sanha da acumulação. Os grevistas consideram essas rememorações mórbidas, apontam que há outras formas de homenageá-los, além de que a imagem, a personalidade e o trabalho destes profissionais envolvem uma dimensão jurídica (ANUNCIAÇÃO, 2023; MATHEWS; NAIRN; 2023).

Artistas como Samuel L. Jackson e Keanu Reeves têm contratos em *Hollywood* que proíbem o uso perpétuo de suas imagens nos estúdios, bem como restringem edições de suas imagens e vozes com recursos de *deepfake* e outros tipos de computação avançada. E, mais recentemente, a cantora Madonna, em testamento, impede recriações de sua imagem intermediadas pela inteligência artificial (ANUNCIAÇÃO, 2023; TINOCO, 2023; WHITE, 2023).

Por outro lado, os estúdios informam que a tecnologia é algo positivo que vem ajudando a indústria e que não se pode tolher o direito de narrar histórias sobre acontecimentos e pessoas reais e que limitar isso seria uma espécie de censura. Alegam que os líderes sindicais estão com uma visão apocalíptica da tecnologia e que seus efeitos deveriam ser debatidos anualmente (BARNES, 2023).

Obviamente, os estúdios possuem uma visão liberal da tecnologia, interpretam-na como avanço da economia de mercado, gerador de prosperidade, conveniência e bem-estar aos usuários. Nesse pensamento, os problemas da inteligência artificial seriam passíveis de correção através da educação, com a oferta de letramento digital e reformas legislativas no sentido de melhor delimitá-la, desconsiderando que a tecnologia é dirigida por bilionários dos oligopólios tecnológicos.

No dia 22 de agosto de 2023, os estúdios lançaram nota, a partir da AMPTP, em que dizem ter pleno interesse em acabar com a greve dos autores. Cederam em alguns pontos, prevendo alguns aumentos salariais, escalonados ao longo dos próximos anos, entretanto, não satisfizeram os pleitos considerados justos pelo WGA e, assim, continuam embarreirados. O posicionamento atual da associação patronal sobre a greve dos atores não foi divulgado até o momento da redação deste texto (AMPTP, 2023b).

Por fim, os indivíduos percebem as mudanças e, com frequência, em diversos pontos do mundo oferecem resistência ao terreno heterônomo da tecnologia. Sumarizamos na próxima seção algumas destas experiências de trabalhadores e movimentos sociais.

HOLLYWOOD E O MUNDO A SUA VOLTA: CENÁRIO GLOBAL DE LUTAS

As greves na Califórnia remetem a uma série de resistências à inteligência artificial e às plataformas como forma central de produção. Lutas que expõem as desigualdades e injustiças operadas pela tecnologia. Salientamos, aqui, algumas formas de resistência ocorridas nos últimos anos, evidenciando que o trabalho em plataformas tecnológicas é expressão viva da luta de classes (GROHMANN *et al*., 2022).

Os trabalhadores de plataformas, entregadores *Ifood*, *Uber Eats* e *Deliveroo* e motoristas *Uber* e *Cabify* têm se insurgido contra as empresas. Muito embora sejam tratados como autônomos para fins de direitos, deles têm-se cobrado, cada vez mais, engajamento e disciplina no trabalho. Um trabalho desprotegido, à mercê de acidentes de trânsitos. Segundo Woodcok e Cant (2022),

> A rough estimation suggests that approximately 42% more working days were lost to strike action per worker in Deliveroo than in the total UK workforce over the period from September 2016 to August 2017. Later analysis of 'labour unrest' in food delivery platform workers found an increasing incidence of action. From January 2017 to May 2020 there were 527 incidences across 36 countries [...] (WOODCOCK; CANT, 2022, p. 224).

Eles informam o aumento da tensão entre as plataformas e os entregadores de alimentos tanto na Inglaterra quanto em outros países. A falta de direitos e as condições de trabalho degradantes na *gig economy* tem sido combustível para paralisações e a sindicalização em todo o mundo desde a segunda década do século XXI (WOODCOCK; CANT, 2022).

Nesta esteira, na empresa *Google*, em 2018, mais de 20 mil funcionários fizeram uma greve para protestar contra a forma como a empresa lidava com os assédios moral e sexual (SCHEIBER, 2018). Os motins no Vale do Silício, antes raros, agora hão de ser mais constantes com a organização dos

trabalhadores no *Alphabet Workers Union,* que luta pela melhoria das condições de trabalho, contra discriminações de todas as ordens, contra a extrema direita e a supremacia branca, dentro e fora das plataformas (AWU, 2020).

Surgiram movimentos denunciando a violência e discriminação algorítmicas. A *Algorithmic Justice League* evidencia como os algoritmos interferem na sociabilidade, nas relações de emprego e trabalho e nos serviços públicos. Não raro, a inteligência artificial replica o racismo porque é criada e alimentada por seres humanos e seus valores. Como visto em abordagens policiais por meio de reconhecimento facial e o policiamento preditivo, que atingem a população negra com maior incidência.

Citamos o caso de Robert Williams, preso injustamente por 30 horas, em função do algoritmo ter confundido a fotografia de sua carteira de motorista com a imagem de uma pessoa que roubou relógios em Detroit (BHUIYAN, 2023). Portanto, o racismo estrutural passa a ter uma versão algorítmica. Este debate evidencia que as tecnologias não são neutras, mas situadas historicamente.

Ainda sobre vigilância, as *Big Techs* vêm capturando ações humanas *online* e *offline*, digitalizando e armazenando informações de seus usuários. De posse de tais dados, desenvolvem um marketing moldando as decisões dos sujeitos, de mera compra de produtos a escolha de um representante político. É o capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2019) que se alimenta do comportamento dos indivíduos.

Por essa razão, apareceram sublevações críticas à extração de dados pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, denunciando a militarização das informações e o desrespeito à privacidade individual. Soma-se ainda os movimentos contraespionagem surgidos após as denúncias de Julian Assange e Edward Snowden sobre esquemas de vigilância global. Não podemos esquecer dos protestos contra a *Cambridge Analytica,* empresa do ramo de mineração e análise de dados, que invadiu perfis pessoais no *Facebook*, uso considerado como risco à democracia, visto que políticos de diversos países se beneficiaram entre 2014 e 2018, lembrando que a sociabilidade política está plasmada na desinformação e no ódio nos últimos tempos (HELMUS, 2022).

A experiência de *Hollywood* permite essas associações devido à capilaridade da tecnologia no tecido social. Essas estruturas nos acompanham há muitíssimo e alcançaram um lugar central nas relações sociais, de modo que é quase impossível delas escapar. Anders (2011) mostra que há certa imposição “must have” das tecnologias, não havendo indício de liberdade.

Não surpreende que, aos poucos, a questão da tecnologia que calou tantos intelectuais, que não queriam ser taxados de ranzinzas, ridículos ou sabotadores das máquinas, esteja voltando ao debate político, tornando-se num imperativo de liberdade e coragem civis.

CONCLUSÃO

O fascínio exalado por *Hollywood* fica em segundo plano quando se evidencia roteiristas presos à lógica da *mini room,* atores com baixos salários e ameaçados por réplicas digitais. As greves avaliadas são emblemáticas por exigirem parâmetros para o uso de uma tecnoestrutura, que estudos críticos consideram ter potencial ofensivo para distintos segmentos de trabalhadores.

O WGA e o SAG-AFTRA lutam pela solidariedade entre seus membros, mas e aqueles que ainda não foram incluídos? Esse debate é importante dada a dificuldade de se organizar profissionalmente no âmbito artístico. Isso ilustra as contradições nos sindicatos e como seus esforços para proteger os trabalhadores também servem como dispositivos de exclusão.

Contudo, os trabalhadores em *Hollywood* levantaram o véu da produção e mostraram dificuldades inimagináveis para o senso comum, cintilando uma realidade eclipsada pelas ideologias do sucesso individual e pela suposta neutralidade das tecnologias que se alastraram.

Por fim, estes grevistas assim como outros trabalhadores mediados pelas plataformas mostraram a insegurança existencial e a precarização laboral aprofundadas pela tecnologia. Reafirmaram a importância da organização coletiva em busca de melhorias de suas condições de trabalho e vida, apontando para a urgente politização das tecnologias para entender o presente e imaginar um futuro diferente.

REFERÊNCIAS

AJL - Algorithmic Justice League. “We’re leading a cultural movement towards equitable and accountable AI”. **AJL** [2023]. Disponível em: <www.ajl.org>. Acesso em: 10/08/2023.

AMPTP - Alliance Of Motion Picture And Television Producers. “AMPTP Releases Details of its August 11th Comprehensive Proposal to WGA”. **AMPTP** [2023b]. Disponível em: <www.amptp.org>. Acesso em: 10/08/2023.

AMPTP - Alliance Of Motion Picture And Television Producers. “What SAG-AFTRA Failed to Mention”. **AMPTP** [2023a]. Disponível em: <www.amptp.org>. Acesso em: 10/08/2023.

ANDERS, G. **La obsolescencia del hombre**: sobre la destrucción de la vida en la época de la tercera revolución industrial. Valencia: Editorial Pre-Textos, 2011.

ANUNCIAÇÃO, D. “Caso Elis Regina: o impacto da inteligência artificial na preservação da memória”. **Instituto Brasileiro de Direito de Família** [2023]. Disponível em: <www.ibdfam.org.br>. Acesso em: 10/08/2023.

AWU - Alphabet Workers Union. “Right To A Safe Workplace”. **AWU** [2020]. Disponível em: <www.alphabetworkersunion.org>. Acesso em: 10/08/2023.

BANKS, M.; HESMONDHALGH, D. "Internationalizing Labor Activism Building Solidarity among Writers' Guilds". *In*: CURTIN, M.; SANSON, K. (eds.). **Precarious Creativity**: Global Media, Local Labor. Oakland: University of California Press, 2016.

BARNES, B. "In Hollywood, the Strikes Are Just Part of the Problem". **The New York Times** [2023]. Disponível em: <www.nytimes.com>. Acesso em: 10/08/2023.

BATEY, E. "No End in Sight for Writers Strike Following Friday Meeting". **Vanity Fair** [2023]. Disponível em: <www.vanityfair.com>. Acesso em: 10/08/2023.

BHUIYAN, J. "First man wrongfully arrested because of facial recognition testifies as California weighs new bills". **The Guardian** [2023]. Disponível em: <www.theguardian.com>. Acesso em: 10/08/2023.

BIELDY, D. D. "Gender inequality in culture industries: Women and men writers in film and television". **Sociologie du Travail**, vol. 51, n. 2, 2009.

CURTIN, M.; SANSON, K. "Precarious Creativity Global Media, Local Labor". *In*: CURTIN, M.; SANSON, K. (eds.). **Precarious Creativity**: Global Media, Local Labor. Oakland: University of California Press, 2016.

DENNING, M. **The Cultural Front**: the laboring of American culture in the Twentieth Century. New York: Verso, 2007.

DYER-WITHEFORD, N. "Inteligência artificial como condição geral de produção". *In*: GROHMANN, R. (org.). **Os laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

DYER-WITHEFORD, N.; MATVIYENKO, S. **Cyberwar and Revolution**: Digital Subterfuge in Global Capitalism. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.

FEDERMAN, W. "What Reagan Did for Hollywood". **The Atlantic** [2023]. Disponível em: <www.theatlantic.com>. Acesso em: 10/08/2023.

FISK, C. "Hollywood Writers and the Gig Economy**.** University of Chicago". **Legal Forum**, vol. 8, 2017.

GAULEJAC, V. **La société malade de la gestion**. Paris: Seuil, 2005.

GROHMANN, R. *et al*. "Plataformas de fazendas de cliques: condições de trabalho, materialidades e formas de organização". **Galáxia**, vol. 47, 2022.

HANDEL, J. **Hollywood on strike! An industry at war in the Internet age**. Los Angeles: Hollywood Analytics, 2011.

HELMUS, T. C. **Artificial Intelligence, Deepfakes, and Disinformation**: A Primer. Santa Monica: Rand Corporation, 2022.

HINE, C. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and veryday. Huntingdon: Bloomsbury Publishing, 2015.

JIN, D. Y. **Artificial Intelligence in Cultural Production**: Critical Perspectives on Digital Platforms. London: Routledge, 2021.

KARNAL, L. *et al*. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

KOZINETS, R. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Editora Penso, 2014.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MASS, J.; OTTERSON, J.; SCHNEIDER, M. "One of the Writers Guild's Biggest Contract Negotiation Issues Is the 'Mini Room' Boom". **Variety** [2023]. Disponível em: <www.variety.com>. Acesso em: 10/08/2023.

MATHEWS, J; NAIRN, A. "Holograms and AI can bring performers back from the dead – but will the fans keep buying it?" **The Conversation** [2023]. Disponível em: <www.theconversation.com>. Acesso em: 10/08/2023.

MCMAHON, J. **The Political Economy of Hollywood**: Capitalist Power and Cultural Production. New York: Routledge, 2022.

MENGER, P. M. **Retrato do artista enquanto trabalhador**: metamorfoses do capitalismo. Lisboa: Editora Roma, 2005.

MENGER, P. M. **The Economics Of Creativity**: Art And Achievement Under Uncertainty. Harvard: Harvard University Press, 2014.

RICHWINE, L.; CHMIELEWSKI, D. "'Plagiarism machines': Hollywood writers and studios battle over the future of AI". **Reuters** [2023]. Disponível em: <www.reuters.com>. Acesso em: 10/08/2023.

ROBB, D. "AMPTP Disputes SAG-AFTRA's 'Misleading' Claims About Last Contract Offer Before Strike Began". **Deadline** [2023]. Disponível em: <www.deadline.com>. Acesso em: 10/08/2023.

RUSSEL, S. J. **Artificial Intelligence**: a modern approach. New York: Prentice Hal, 2009.

SAG-AFTRA **-** Screen Actors Guild – American Federation of Television and Radio Artists. "SAG-AFTRA Negotiations Status as of July". **SAG-AFTRA** [2023]. Disponível em: <www.deadline.com>. Acesso em: 10/08/2023.

SCHEIBER, N. "Google Workers Reject Silicon Valley Individualism in Walkout". **The New York Times** [2018]. Disponível em: <www.nytimes.com>. Acesso em: 10/08/2023.

TINOCO, A. "Keanu Reeves Calls Out 'Scary' Deepfakes and AI Technology". **Deadline** [2023]. Disponível em: <www.deadline.com>. Acesso em: 10/08/2023.

WGA - Writers Guild Of America. "The State of the Industry. Despite Wall Street Noise, Entertainment Remains a Profitable Business. Bulletins". **WGA** [2023b]. Disponível em: **<**www.wgacontract>. Acesso em: 10/08/2023.

WGA - Writers Guild Of America. "WGA Negotiations". **WGA** [2023a]. Disponível em: **<**www.wgacontract>. Acesso em: 10/08/2023.

WHITE, A. “Samuel L. Jackson Talks AI, Use of Likeness ‘In Perpetuity’ in Contracts: ‘I Cross That S*** Out’”. **The Hollywood Reporter** [2023]. Disponível em: <www.hollywoodreporter.com>. Acesso em: 10/08/2023.

WOODCOCK, J, CANT, C. “Platform Worker Organising at Deliveroo in the UK: From Wildcat Strikes to Building Power”. **Journal of Labor and Society**, vol. 25, 2022.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism**: the fight for a human future at the new frontier of power. New York: Public Affairs, 2019.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 45| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima